

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA LICENCIATURA EM QUÍMICA: VIVÊNCIA DE UMA ATIVIDADE DE EXTENSÃO

Analice de Almeida Lima ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a vivência de uma atividade de extensão que buscou celebrar o Dia da Consciência Negra, contemplando as leis de nº 10.639/2003 e 11.645/2008. A organização da atividade de extensão ocorreu no decorrer da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório 2 (ESO2) do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ao longo dessa disciplina, foi sugerida a elaboração de uma atividade antirracista para o ensino de química, após discussões relacionadas às questões étnico-raciais. As atividades foram apresentadas e discutidas em sala de aula, sendo sugerido que houvesse a socialização delas. A docente da disciplina e 7 licenciandos participaram da elaboração da proposta de atividade de extensão intitulada: “Dia da Consciência Negra e o Ensino de Química: Reflexões e Práticas na Formação de Professores”, que foi aprovada institucionalmente e vivenciada no formato online. Dos sete licenciandos envolvidos na atividade, 5 apresentaram os trabalhos elaborados por seus grupos no decorrer do ESO2 e 2 participaram da comissão organizadora. A vivência da atividade oportunizou a aproximação dos licenciandos com a dinâmica institucional referente à extensão universitária e, enquanto palestrantes, puderam socializar suas produções com estudantes da UFRPE, professores e estudantes da educação básica, ampliando, dessa forma, espaços para reflexões críticas acerca do racismo ainda presente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Dia da Consciência Negra, Ensino de Química, Extensão, Formação de Professores.

¹ Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Departamento de Educação – Doutora em Educação- analice.lima@ufrpe.br

INTRODUÇÃO

Ressaltamos neste trabalho a importância da extensão universitária no sentido de propiciar espaços para experiências práticas que complementam a formação teórica dos licenciandos. Paulo Freire, em "Extensão ou Comunicação?" (1983), defende a extensão como um processo de diálogo e comunicação, enfatizando a importância do engajamento comunitário e a transformação social. Demo (2009) destaca que projetos de extensão favorecem que os futuros professores tenham a oportunidade de vivenciar a realidade das escolas e comunidades, desenvolvendo habilidades práticas e competências socioemocionais essenciais para a atuação profissional.

Diante, da importância de articular ensino e extensão no decorrer da formação de professores, buscamos propiciar essa experiência formativa na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO). O ESO, desde a Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena teve instituída a carga-horária de 400 h para os ESO. Esses deveriam ser iniciados na segunda metade do curso de licenciatura, o que subsidiaria a aproximação dos estudantes com o futuro contexto profissional por meio de reflexões críticas e proposição de questões didático-pedagógicas a partir do diálogo de saberes do campo escolar e acadêmico.

Nessa direção, pesquisas como Corradi e Rosa (2005), Rosa (2005) Santos *et al* (2018) têm ressaltado a preocupação com o estágio supervisionado de modo a aproximar o licenciando do seu futuro contexto profissional utilizando diferentes perspectivas. Corradi e Rosa (2005) propiciaram um espaço em que os sujeitos dialogaram, planejaram, observaram e executaram aulas de Química em uma turma do ensino médio; Rosa (2005) relata uma experiência vivenciada por licenciandos que entraram em contato com diferentes campos de estágio, todos em instituições públicas, a partir da seguinte indagação: Como o imaginário pode permear o currículo de formação docente na experiência do estágio na Educação Básica? Santos *et al* (2018) discutem a importância que nas disciplinas de ESO os licenciandos desenvolvam atividades que permitam a análise, o conhecimento e a reflexão acerca do trabalho docente, de suas ações, de suas dificuldades, garantindo uma visão mais geral do contexto escolar (Santos *et al.*, 2018).

A pesquisa ora apresentada busca apresentar a vivência de uma atividade de extensão que buscou celebrar o Dia da Consciência Negra, contemplando as leis de nº 10.639/2003 e 11.645/2008. A organização da atividade de extensão ocorreu no decorrer da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório 2 (ESO2) do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

O Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro no Brasil, é uma data de grande importância para a reflexão sobre a posição dos negros na sociedade e a valorização de sua cultura e história. Esta data foi escolhida em homenagem a Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares, que resistiu bravamente contra a escravidão até ser morto em 1695. O dia é um marco para lembrar as lutas e conquistas do movimento negro, bem como para reforçar a necessidade contínua de combate ao racismo e promoção da igualdade racial.

Compreender o racismo estrutural nos subsidia a desvelar as diversas formas de manifestação dele: nas relações interpessoais, nas instituições, nas religiões de matrizes afro-indígenas, estando, assim, relacionado com algo mais profundo que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade (Almeida, 2019).

É preciso entender que as diversas instituições sociais possuem uma dinâmica que mesmo que de forma indireta disseminam desvantagens e privilégios com base na raça. Para Almeida (2019, p. 46-47)

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional.

As Instituições, dessa forma, materializam a estrutura social que tem como um dos seus componentes o racismo. Rossato e Gesser (2001) sinalizam como tóxico, o racismo internalizado e institucionalizado, proveniente de pessoas com senso de moralidade, bem-intencionadas e pessoas religiosas. Para a superação do racismo, portanto, é preciso ir além da questão individual para se pensar ações institucionais e refletir sobre a própria organização social, política e econômica da sociedade.

Para Cavalleiro (2001) uma educação antirracista contempla pontos como: Reconhecer a existência do problema racial na sociedade brasileira; repudiar qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar; buscar

materiais que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial etc.

Na área de Ensino de Química, temos observado publicações que visam destacar as questões sinalizadas anteriormente, a exemplo, do artigo que traz discussões relacionadas à Bioquímica do Candomblé, de modo a apresentar possibilidades a aplicação da lei federal nº 10639/03 (Moreira *et al*, 2011). Silva *et al* (2017) que discutem aspectos relacionados à história e cultura africana e afro-brasileira no ensino de química, utilizando o dendê como questão que desencadeia as discussões. Lima (2109) no artigo intitulado “Diálogos entre o Ensino de Química e a Jurema Sagrada: possibilidades para a abordagem da história e cultura afro-indígena no ensino médio” apresenta os resultados de uma pesquisa com licenciandos em Química que envolveu discussão sobre a tradição religiosa e as questões químicas e biológicas relacionados à árvore Jurema. Benite *et al.*, 2019) no artigo intitulado: “Dai-me Agô (licença) para falar de saberes tradicionais de matriz africana no ensino de Química” que trazem uma importante discussão acerca das religiões de matrizes africanas, bem como, os resultados da pesquisa realizada em uma disciplina optativa intitulada: “Ensino de Química e Cultura Afro-Brasileira”.

Silva Francisco Júnior (2018) apresentam contribuições para as discussões das relações étnico-raciais no ensino de química trazendo a Arte como foco da discussão. O livro intitulado “Conteúdos Cordiais- Química Humanizada para uma Escola sem Mordaza” sinaliza possibilidades do diálogo com a perspectiva dos Direitos Humanos e o ensino de Química, apresentando o recorte racial em um dos capítulos como questão a ser abordada no ensino de química (Oliveira; Queiroz, 2017). Bárbara Carine Soares Pinheiro também traz contribuições significativas em seus livros @Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência (Pinheiro, 2020) e História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras (Pinheiro, 2021).

No bojo dessas discussões, essa pesquisa intentou refletir sobre uma atividade de extensão vivenciada no Estágio Supervisionado Obrigatório, do Curso Licenciatura em Química, com o intuito de subsidiar uma Educação Antirracista.

METODOLOGIA

Os sujeitos de pesquisa foram 7 licenciandos/as que cursavam disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório, no Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

No percurso metodológico, inicialmente, utilizou-se um questionário Google Forms contendo 15 perguntas relacionadas à caracterização das/os participantes, questões relacionadas às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, a abordagem de questões relacionadas às relações étnico-raciais e a uma perspectiva antirracista no ensino de química e a autorização para a utilização dos dados para fins de pesquisa. Em seguida, foram disponibilizados dois vídeos: -Precisamos romper os silêncios com Djamila Ribeiro e -O que é racismo e por que falar sobre racismo no ensino de ciências? com Kaio Gabriel Gameleira da Silva Pinto para que o grupo assistisse, sendo sugerido que anotassem as questões relevantes para uma discussão que aconteceu em um encontro posterior. Por meio da ferramenta Mentimeter, houve o registro de palavras relacionadas aos vídeos apresentados.

Houve dois momentos de discussão com o grupo. No primeiro encontro, foram indagadas as impressões acerca dos vídeos socializados e no, seguinte, apresentação de slides para sistematização das questões discutidas e orientações para a construção do projeto coletivo.

Nas orientações para o projeto coletivo, foi disponibilizado um link da ferramenta Padlet para que grupo pudesse elaborar a atividade. Em um primeiro momento, cada participante indicou um tema e registrou no Padlet e, em seguida, o grupo definiu o tema do projeto. Com a definição do tema, o grupo começou as discussões para elaboração dos Objetivos, Introdução, Metodologia e Referências para posterior, apresentação.

Depois das apresentações em sala, os licenciandos foram convidados a participarem de uma atividade de extensão que seria organizada em conjunto com a autora desse trabalho que também era a docente da disciplina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A docente da disciplina e os 7 licenciandos participaram da elaboração da proposta de atividade de extensão intitulada: “Dia da Consciência Negra e o Ensino de Química: Reflexões e Práticas na Formação de Professores”, que foi aprovada institucionalmente e vivenciada no formato online (Figura 1). Dos sete licenciandos envolvidos na atividade, 5 apresentaram os trabalhos elaborados por seus grupos no decorrer do ESO2 e 2 participaram da comissão organizadora.

Figura 1- Folder do evento



Fonte: Comissão do evento

51 pessoas participaram da atividade como ouvintes entre professores e estudantes da educação básica, licenciandos em química e professores do ensino superior.

A atividade foi organizada com uma palestra de abertura com a Dra Paloma Nascimento dos Santos docente e pesquisadora do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia. No segundo momento, foram apresentados 3 projetos antirracistas envolvendo conteúdos de química pelos licenciandos: a- Veja a cor da minha pele: uma abordagem da melanina do ponto de vista químico, b- O embranquecimento das inovações tecnológicas de origem negra e c- As religiões de matrizes africanas como tema gerador no ensino de química.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência da atividade oportunizou a aproximação dos licenciandos com a dinâmica institucional referente à extensão universitária e, enquanto palestrantes, puderam socializar suas produções com estudantes da UFRPE, professores e estudantes da educação básica, ampliando, dessa forma, espaços para reflexões críticas acerca do racismo ainda presente em nossa sociedade.

Pretende-se dar continuidade a este tipo de atividade no decorrer das vivências dos ESO que representa também um subsídio a curricularização de extensão.

AGRADECIMENTOS

Universidade Federal Ruaral de Pernambuco e os/as participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BENITE, Anna M. C. Dai-me Agô (licença) para falar de saberes tradicionais de matriz africana no ensino de Química. **Química. Nova**, v. 42, n. 5, p. 570-579, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96**. Brasília, 1999.
- _____, CNE, Resolução CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Recuperado em, v. 23, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Lei nº 10639 de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, DF 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 15 mai de 2018.
- _____. **Lei nº 11. 645 de 10 de março de 2008**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 15 mai de 2018.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Define as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/legislacoes/resolucaoecnep-no-02-de-01-de-julho-de-2015> diretrizes-curriculares-nacionais-para. Acesso em: 16 out. 2021.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNCFFormação)**.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Lei nº 10639 de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, DF 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 15 mai de 2018.
- _____. **Lei nº 11. 645 de 10 de março de 2008**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 15 mai de 2018.
- CAVALLEIRO, E. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CORRADI, D. P.; ROSA, M. I. P. Estágio supervisionado: cultura(s) e processos de identificação num currículo de licenciatura em química. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5., 2005, Bauru. **Atas...** Bauru: ABRAPEC, 2005.
- DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. Campinas: Papirus, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LIMA, Analice de Almeida. Diálogos entre o Ensino de Química e a Jurema Sagrada: possibilidades para a abordagem da história e cultura afro-indígena no ensino médio. In: **II CONGRESSO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS DO NORDESTE**, 2, 2019, João Pessoa: **Atas...** 2019. João Pessoa: ABPN, 2019.

MOREIRA, Patrícia F. S. D. *et al.* Bioquímica do Candomblé- Possibilidades Didáticas de Aplicação da Lei Federal 10639/03. **Química Nova na Escola**, v. 33, n. 2, p. 85-92, 2011

OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima; QUEIROZ, Glória Regina Pessoa Campello (Org). **Conteúdos Cordiais-** Química Humanizada para uma Escola sem Mordaça. São Paulo: Física, 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **@Descolonizando_saberes:** mulheres negras na ciência. São Paulo Editora Livraria da Física, 2020.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História preta das coisas:** 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

ROSA, M. I. P. Currículo, Imaginário e Formação de Professores: uma experiência no estágio da licenciatura em química. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. 5., 2005, Bauru. **Atas...** Bauru: ABRAPEC, 2005.

SANTOS, D; RODRIGUES, D; VICENTE, S. A.; ARAUJO, M. J. A Importância do Estágio Curricular Supervisionado nos Cursos de Licenciatura. In: Jornada de Iniciação Científica e Extensão, 9, 2018, Palmas. **Atas...** Palmas: JICE 2018. Disponível em: <https://propi.ifto.edu.br/index.php/jice/9jice/paper/viewFile/9135/4102>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, Erasmo M. S.; FRANCISCO JÚNIOR, Wilmo E. Arte na Educação para as Relações Étnico-Raciais: Um Diálogo com o Ensino de Química. **Química Nova na Escola**, v. 40, n.2, p-79-88, 2018.

SILVA, Juvan *et al.* Tem Dendê, Tem Axé, Tem Química: Sobre história e cultura africana e afro-brasileira no ensino de química. **Química Nova na Escola**, v. 39, n.1, p. 19-26, 2017.